

# Um credo para nossa época: Existe isso?

*Breno Schumann*

O autor, atualmente pastor em Juiz de Fora, MG, teve a gentileza de colocar à nossa disposição este artigo, já publicado no CEI, SUPLEMENTO 1, 1972, pp. 19ss.

O conhecido teólogo suíço Lukas Vischer dedica-se, no momento, a uma tarefa simultaneamente fascinante e embaraçosa: levantamento e coleta de todas as formulações da fé cristã, de todas as épocas, igrejas e lugares. A etapa seguinte da pesquisa é evidente: verificar a concordância e as disparidades, descobrir quais fatos concorreram para uma e outras, estabelecer as conseqüências do todo na história e procurar a viabilidade de síntese. O último item provocará sérias dúvidas, em alguns. Parece-me que a mais importante é esta: Será a síntese a tarefa mais urgente de nossa geração?

## **O SILÊNCIO IMPOSSÍVEL**

Qualquer comunidade que se compreende como Igreja de Jesus Cristo precisa falar, precisa expressar e possuir a combinação de palavras e experiências. Mesmo a assim chamada "igreja do silêncio" tem essa vivência: a designação, antes de tudo, representou uma metáfora, manipulada posteriormente por certa propaganda sempre ávida de "slogans" mentirosos.

A necessidade inevitável de falar, no entanto, ainda deixa em aberto outra questão: Que é que precisa ser dito? Justamente o problema do conteúdo é que tem resultado em todas as concordâncias e disparidades, na história. Porque o falar da Igreja é sempre confissão, profissão de fé, testemunho. Ora, o testemunho revela obrigatoriamente mais do que interesse por algo. O testemunho sempre implicará em adesão, engajamento. Quando o indivíduo ou a comunidade dão testemunho de sua fé, estão expondo uma parte de si próprios, estão oferecendo algo da própria pessoa, da própria vida. Assim, a mera comunicação de um fato, diante do qual o comunicador poderia manter-se neutro, salvaguardando a própria objetividade, seria tudo menos testemunho. O falar da Igreja nunca pode ser neutro.

Os antigos e já clássicos credos bem como formulações similares da fé cristã são o atestado mais indiscutível desse fato. O que popularmente ficou conhecido como "breve resumo da fé", teve an-

tecedentes bem mais movimentados do que faria supor o texto lido hoje. A rigor, cada palavra está prenhe de significados polêmicos, cada vocábulo foi escolhido a partir da "praxis" e cada formulação depende de duas grandezas multiformes que necessitam constante reinterpretação: a Bíblia e os desafios de uma época. Vejamos o que isso significa mais precisamente.

## TESTEMUNHO COMO PROCESSO

Dois aspetos básicos caracterizam a confissão de fé dos primitivos cristãos: a referência a Jesus de Nazaré e a concisão. Por exemplo: "O Senhor é Jesus Cristo" (1 Coríntios 12.3); "Jesus é o Cristo" (1 Jo. 2.22); "Jesus Cristo veio em pessoa" (1 Jo. 4.2).

Tais formulações, é óbvio, pressupõem toda a longa história da fé de Israel. E seu caráter polêmico dificilmente poderia ser superado. Pois, de um lado, o título de Senhor só era admissível como referência a Deus; de outro, era contestada a pretensão do César Romano, que exigia o título para si. O martírio de não poucos cristãos comprova, antes de mais nada, que esse Credo comunicou muito bem e que foi perfeitamente entendido, em todas as suas implicações, por não cristãos. De resto, é indiscutível que nos de-frentamos com certa reinterpretação do Antigo Testamento. No entanto, é importante ressaltar que, para os primeiros cristãos (que nem sequer tinham essa designação), bastou a vinculação do Nazareno a Javé. A elaboração de nova doutrina de Deus (de nova "teologia"!) pareceu desnecessária. Assim como a nascente comunidade cristã não revelou qualquer preocupação pela designação de seu grupo, limitando-se a adotar o vocábulo secular referente a qualquer reunião popular ou assembléia corporativa.

Certos desafios da época provocaram gradativa ampliação dos Credos primitivos. O paganismo foi um desses desafios e o testemunho acerca do Deus Criador, a resposta da Igreja primitiva. Resposta que retomaria a milenar fé de Israel, também expressa em desafio aos babilônios. Outro desafio representou a concepção antropológica que vê a alma como imortal e o corpo como mera prisão ou receptáculo desprezível. A resposta cristã a isso faz clara referência à ressurreição do corpo (ou da carne), reafirmando assim a responsabilidade pelo próprio corpo, pelas necessidades alheias e pelo mundo em geral. Sendo Deus quem ressuscita, o testemunho cristão nos informa que Deus leva a sério o homem todo, e que nesse fato se fundamenta a incomparável dignidade humana. Será preciso perder tempo, lembrando que conseqüências pode e deve ter esse Credo?

Na opinião de alguns, a referência ao Espírito Santo, no Credo, deve-se à prática do batismo, ocasião em que a profissão de fé era exigida. E o Espírito era considerado como dádiva e efeito do batismo. Assim, a liturgia, a disciplina e o próprio ambiente do Cristianismo primitivo foram suscitando fórmulas e provocando sucessivas modificações, acréscimos, elaborações novas. Em todo caso, ao contrário do que alguns continuam a sustentar, os credos pós-neotesta-

mentários não resultaram de elaboração teológica orientada unicamente pelo texto bíblico. É bem verdade que refletem um conjunto de tendências teológicas, que poderão ser localizadas, com maior ou menor evidência, em o Novo Testamento. Mas suas fontes são diversificadas e variados os impulsos que conduziram às formulações que hoje conhecemos e usamos. Mais diversas ainda se tornaram as interpretações dadas aos Credos clássicos. Ficou célebre a explicação do Credo (dito) Apostólico que se encontra no Catecismo Menor de Martin Lutero: todos os fatos salvíficos “objetivos” foram transpostos para a esfera existencial do crente. Sob certo ponto de vista, trata-se de um “novo credo”, tanto no que se refere ao conteúdo como ao estilo. Se, e parece ser o caso, o Credo já se tornara ininteligível no século 16, que dizer da situação em nossos dias?

Testemunhar, temos visto, não é apenas afirmar. É também viver o que se confessa. Por isso mesmo, nenhum Credo poderá abstrair, por exemplo, da oração, do serviço, do amor. O Credo não poderá ignorar as estruturas de vida. Nas palavras de Tielko Tilemann, “mesmo que não houvesse igrejas e teólogos, permaneceriam as perguntas que precisam de resposta”. Ora, todas as questões da vida estão relacionadas a fé e vice-versa. Pergunta-se: é possível professar a fé através de fórmulas que exigem o estudo de compêndios de história e dogmática, para serem realmente compreendidas? Mais ainda: é possível dar um testemunho de fé diante dos desafios de nossa época, de nossa geração, usando formulações que refletem polêmicas de 17 ou 18 séculos atrás? Em resumo: é possível ignorar o longo processo histórico que conduziu a determinadas fórmulas (e que a elas sucedeu?)

Diversos grupos, de variadas tendências teológicas, respondem a essas perguntas com um não unânime. Para eles, tornou-se candente a questão do testemunho hoje. E são de opinião que chegou o momento em que não é mais suficiente explicar e interpretar. Palavras e vivências mudaram e, portanto, será obrigatória a nova confissão de fé, o credo para a nossa época. Rudolf Bembeneck coloca a problemática da seguinte maneira: “Nosso testemunho precisa tornar compreensíveis os efeitos e implicações da fé cristã diante de determinados problemas e situações contemporâneos”. E postula um “credo circunstancial” em analogia à chamada ética circunstancial (ou situacional), considerando indispensável o concurso da sociologia, psicologia social, politologia e disciplinas afins. Em sua opinião, um credo hodierno precisaria reportar-se a questões como a da paz, das relações com Israel e o Judaísmo, do racismo, das bases do humanismo, etc.

Como se vê, a questão do conteúdo permanece, mesmo num credo circunstancial, nascido dentro de determinada etapa do processo histórico, em determinado lugar. Mas o reconhecimento de que existe tal processo impede, pelo menos, que essa ou aquela fórmula se tornem absolutas, permanentes e imutáveis.

O que segue é uma seleção de testemunhos modernos de fé. Os modelos foram escolhidos bastante ao acaso. O interesse maior resi-

de em torná-los conhecidos, para que possam ser aproveitados como material de discussão e reflexão. As observações que acompanham cada modelo apontam alguns dos problemas teológicos latentes e não são, nem de longe, exaustivas.

## UM CREDO ESTADUNIDENSE

*O homem não está só,  
pois vive no mundo de Deus.  
Nós cremos em Deus:  
que criou e continua criando,  
que veio no verdadeiro  
Homem, Jesus,  
para reconciliar e renovar,  
o qual atua em nós e entre nós  
por seu Espírito.  
Nós confiamos nele.*

*Ele nos chama a ser sua Igreja:  
para celebrar sua presença,  
amar e servir aos outros,  
desejar a justiça e resistir  
ao mal.  
Nós proclamamos seu reino.  
Na vida, na morte, na vida além  
da morte,  
ele está conosco.  
Nós não estamos sós;  
nós cremos em Deus.*

A primeira constatação do credo parece refletir uma típica situação existencial-urbana: a solidão. Solidão e mundo, o individual e o global introduzem a fé em Deus, expressa em termos trinitários tradicionais. Toda a linguagem, aliás, é bastante bíblico-tradicional, o que levanta um imediato temor: compreenderá o homem moderno (e solitário) o que seja "Espírito", "reino", "vida além da morte?" Em outros momentos, a formulação é feliz. Por exemplo: a ênfase no processo de criação como algo que continua hoje. A solução de compromisso ("em nós e entre nós"), para resolver célebre problema filológico-teológico, é simplesmente brilhante. O mesmo deve ser dito acerca do fecho: os que confessam também conhecem o que seja solidão. Mas conhecem e confessam mais do que isso. Assim, a confissão expressa solidariedade com os homens, anexando um convite-apelo aos "outros": confiem também! (A dimensão do humor não ficou ausente: uma das sentenças quase repete o lema impresso no papel-moeda norte-americano...)

## UM CREDO DA COMUNIDADE ESTUDANTIL EVANGÉLICA DE BONN

*Nós cremos em Deus  
que dá sentido à nossa vida,  
origem e alvo de toda realidade,  
através do qual estamos ligados  
a todas as coisas.  
E em Jesus Cristo,  
nosso Senhor,  
um homem nascido como nós,  
no qual estava a vida  
propriamente dita,  
a proximidade de Deus  
e seu poder  
para nos chamar a uma vida  
nova,  
presenteada imerecidamente,  
em liberdade e gratidão.*

*Rejeitado pelos homens,  
entregue ao poder estatal,  
exposto ao mais profundo  
absurdo,  
na cruz e na morte,  
ele faz um apelo à nossa decisão,  
apesar de tudo,  
e dá-nos coragem  
para crer, amar e esperar,  
pois participa, agora,  
da realidade vivificante de Deus,  
que se aproxima de nós,  
exige algo de nós e nos agracia.  
Nós cremos em sua  
atuação presente,  
que todas as Igrejas*

*estão unidas nele,  
que através dele é possível  
a comunhão autêntica,  
que ele nos liberta de toda  
alienação*

*e dá sentido à esperança  
mesmo diante da morte.  
Nós cremos.  
Senhor, ajuda-nos  
em nossa falta de fé.*

Eis um texto que quase poderia ser adotado por universitários do mundo inteiro: linguagem sofisticada, formulações dialéticas, alguns termos-chave que lembram outros tantos debates acadêmicos fundamentais. O esquema trinitário foi mantido de forma discreta (Espírito Santo — realidade vivificante de Deus — sua atuação presente) e ortodoxa. A combatida virgindade de Maria foi abolida, em benefício de enfoque mais paulino (involuntário?). As referências a Deus, quase generalizadas e filosóficas, recebem clara especificação através do “homem nascido como nós, no qual estava a vida”. A expressão “nosso Senhor” é só aparentemente tradicional: a rigor, foi retomado o sentido bíblico-polêmico original (veja-se a sentença “entregue ao poder estatal!). A tônica dos conceitos é de ordem existencial e é quase inevitável verificar a influência de Sartre, Camus, Bultmann. A situação ecumênica é abordada com honestidade, embora a rejeição do “creio numa igreja” seja questionável. O tema da justificação pela graça (ausente no Credo Apostólico!) foi oportunamente incluído. O fecho é comovente, no melhor sentido da palavra, ao retomar a confissão de fé de “um homem”, a quem Jesus ajudou. Sendo bom lembrar que, no caso, a confissão foi anterior (!) ao milagre (Mateus 17.14-21).

### **CREDO USADO EM CULTO DE JOVENS, EM GÜTERSLOH (CHRISTOPH WAHL)**

*Creio em Deus,  
o Pai de todos os homens  
e Senhor do mundo,  
seu Criador e mantenedor.  
Creio que Deus me colocou  
neste mundo  
e que sou responsável  
diante dele.*

*Creio em Jesus, o Cristo,  
no qual Deus se encontra  
com o homem.*

*Creio que ele me reconcilia  
com Deus,*

*que ele vive e reina  
e me chama a servir aos homens.  
Creio que Deus  
está agindo no mundo  
através de seu Espírito Santo.  
Creio que ele me chama  
por sua palavra  
à sua comunidade  
e que tenho comunhão com ele  
peço pão e vinho.  
Creio que Deus estabeleceu  
um alvo para este mundo  
e permite que eu participe  
de seu futuro. Amém.*

A formulação procura expressar a fé individual e consegue, ao mesmo tempo, evitar todo individualismo. Pois o eu está constantemente correlacionado com os outros: todos os homens, a realidade deste mundo, a comunidade. O que alguns preferem chamar de ortodoxia, está assegurado plenamente: todas as relações humanas tornam-se possíveis pela ação de Deus; a ação de Deus é fundamentalmente seu encontro reconciliador com o homem, em Cristo; esse encontro cria comunidade, indica tarefas e tem um objetivo. (Note-se que “seu” futuro é o de Deus, não o do mundo, de acordo com o

original.) O credo mantém a referência trinitária e é quase a paráfrase do Apostólico, abstendo-se, porém, de mencionar tudo aquilo que costuma provocar polêmicas e enérgica rejeição, da parte dos jovens: geração e nascimento "sui generis" de Jesus, descida aos infernos, ascensão. A supressão do termo ressurreição não constitui aspeto novo, já que nem o Novo Testamento o utiliza sempre. É possível que jovens de todas as idéias prefiram confessar que Cristo vive, que existe um futuro e que se pode contar com esse futuro, como sendo nosso.

## OUTRO CREDO PARA JOVENS

*Creio que Jesus foi o que  
deveríamos ser:  
Servidor e Irmão de todos  
os que precisavam dele.  
Porque amou, teve de sofrer.  
Porque não foi só prudente,  
teve de morrer.  
Mas ele não morreu em vão  
e, a rigor não foi derrotado.  
Será dele a última palavra  
e todos, os mortos, os vivos  
e os vindouros  
serão avaliados por seu critério.  
Creio que, com Jesus entrou  
novo espírito no mundo,  
que ensina uma linguagem  
comum  
a homens tornados inimigos,  
fazendo com que se reconheçam  
como irmãos;  
que nos encoraja a prosseguir  
a rebelião do amor contra  
o ódio;*

*que aguça nossa capacidade  
de julgar,  
vencendo o desespero  
e tornando compensadora  
uma vida fracassada.  
Creio que sou o que sou,  
através de Jesus.  
É através dele que experimento  
o poder de Deus.  
E assim como eu,  
todos os homens  
devem tudo isso a ele,  
mesmo que não saibam.  
Como a mim, chamou todo o  
mundo para dentro da vida.  
É dele o mundo,  
diante dele somos responsáveis  
por tudo o que fazemos.  
Sim, estou de acordo  
com minha vida  
e digo sim à minha destinação:  
dar adiante o que recebi  
de Deus.*

Eis uma tentativa fulgurante de retomar o mais antigo, original e conciso credo ("Jesus é Senhor") e traduzi-lo em termos contemporâneos e informais. O carpinteiro de Nazaré é a medida de todas as coisas, a começar por mim. E quando me olho, ocorre um juízo, uma crise. A crise de uma descoberta incômoda e constrangedora: não somos irmãos e detestamos servir. Não amamos e preferimos ser prudentes. Mas ele foi o que deveríamos ser!

A descoberta do eu está relacionada, de maneira muito adulta, com a descoberta de todos os outros, de toda a realidade. E o juízo, a crise recai sobre tudo isso que se conhece. Todas as frustrações e até mesmo a vida perdida recaem sob um juízo proclamado com gana, com o ímpeto de reiterado Pentecostes. Mas não é juízo excludente nem condenatório, pois cumpre prosseguir "a rebelião do amor". O novo espírito trazido para dentro do mundo é conscientizador. Por isso o sim à vida e à tarefa implícita no ato de viver.

## CREDO FORMULADO EM RETIRO PARA SOLDADOS

*Jesus Cristo — nosso Senhor!  
Ele viveu na terra o amor  
de Deus,  
fazendo-nos ver como  
um homem  
pode se encontrar  
com outro homem.  
Ele fez a experiência  
de como nos excluímos  
mutuamente  
da comunidade  
por força de preconceitos.  
Mas também demonstrou  
que é possível reconduzir  
excluídos*

*para dentro da comunhão.  
Iguinaldo aos excluídos,  
teve de sofrer  
e morreu como criminoso  
na cruz.  
Mas nós sabemos  
que ele não ficou na morte,  
e sim, vive ainda hoje.  
Com todos os que confiam  
em Jesus,  
espero que ele permaneça  
comigo também,  
quando sinto medo  
e não consigo crer.  
E quando eu morrer.*

O responsável pela formulação desse modelo, o pastor luterano alemão Helmut Ruhwandl, foi acusado de heresia e difamação de Jesus Cristo, há dois anos. Mas a direção de sua Igreja rejeitou os argumentos dos opositores.

O credo, como tal, desconhece referências trinitárias, enfatizando o fato salvífico da cruz (e da ressurreição). Mas essa ênfase não desconhece a relevância que cabe ao Cristo que age hoje. Daí a seqüência de problemas atuais: humanidade, preconceitos, solidariedade, justiça. Além dos protestos, não faltou quem elogiasse o abandono de formulações metafísicas e incompreensíveis em prol de expressões extremamente simples (ou quase simplórias): “que ele permaneça comigo também... quando eu morrer”. Além de evitar o impessoal e distante, o autor também conseguiu traduzir o que seja solidariedade universal ou ecumenismo de modo agradável e inteligível: “todos os que confiam em Jesus”. A crítica mais objetiva, talvez, foi a formulada por Werner Schmidt: Não estariam os participantes do retiro por demais preocupados com seus próprios problemas? A pergunta é séria. No entanto, que é que nos preocupa, ao professar a fé?

## CREDO DE DOROTHEE SÖLLE

*Creio em Deus  
que não criou o mundo  
já pronto,  
como coisa que deva ficar  
como está, para sempre;  
que não governa segundo  
leis eternas  
de imutável validade,  
nem segundo ordenações  
naturais  
de pobres e ricos,*

*especialistas e desinformados,  
dominadores e dominados.  
Creio em Deus  
que deseja a resistência  
do que vive  
e a transformação de todas  
as condições  
através de nosso trabalho,  
através de nossa política.  
Creio em Jesus Cristo  
que tinha razão*

*ao lutar pela transformação  
de todas as condições,  
sozinho como nós,  
sem nada poder fazer,  
e que com isso se arruinou.  
Comparando com ele, reconheço  
como nossa inteligência  
se atrofia,  
nossa imaginação sufoca,  
nosso esforço é vão,  
porque não vivemos como  
ele viveu.  
A cada dia temo  
que ele tenha morrido em vão  
porque está soterrado  
em nossas igrejas,  
porque traímos sua revolução  
em obediência e por medo  
às autoridades.  
Creio em Jesus Cristo  
que ressurge em nossa vida*

*para que fiquemos livres  
de preconceitos e arrogância,  
de medo e ódio,  
continuando sua revolução  
em direção de seu reino.  
Creio no Espírito  
que entrou no mundo,  
com Jesus,  
na comunhão de todos os povos  
e em nossa responsabilidade  
pelo que resultar  
de nosso mundo:  
um vale de lágrimas,  
fome e violência  
ou a cidade de Deus.  
Creio na paz justa  
que é realizável,  
na possibilidade de uma vida  
plena de sentido  
para todos os homens,  
e no futuro deste mundo  
de Deus. Amém.*

É pouco conhecida no Brasil a combativa teóloga alemã que redigiu esse último credo de nossa seleção. No entanto, é possível que sua reflexão fornecesse elementos mais relevantes, para a tarefa de cada um, do que os oferecidos por certas correntes neofeministas. Seja como for, será impossível, nos próximos anos, ignorar a contribuição de D. Sölle, sempre que a teologia tiver de levar a sério problemas imanentes, questões de solidariedade e universalidade. A mulher que certa vez definiu ateísmo como sinônimo de resignação (!), desafia-nos com seu modelo de profissão da fé.

O credo apresenta estrutura quase trinitária (seria a paz objeto de um “quarto artigo?”), embora não se constatem maiores pruridos de ortodoxia. Ao mesmo tempo que menciona a criação, a autora centraliza a atenção nas condições e situações reinantes nessa criação: subdesenvolvimento e os males que o configuram. Todo aquele que confessa sua fé, é uma criatura engajada na luta pelo equacionamento e/ou solução de problemas contemporâneos — que são problemas da fé. É compreensível, portanto, que desapareça qualquer menção explícita a “fatos salvíficos” (em vez de “foi crucificado”, encontramos “ele se arruinou”). Da mesma forma foram rejeitadas as diversas interpretações tradicionais (caráter sacrificial, vicário e/ou gracioso da morte de Jesus).

Por outro lado, aquilo que ninguém consegue sozinho, torna-se viável com a união de todos (os povos): a comunidade universal, a paz justa (e não apenas maquilada), a vida dotada de sentido. Como é possível a realização dessa empreitada? Pelo Cristo que vive (“ressurge”) em nós, capacitando-nos a continuar sua revolução, que tem um objetivo bem claro: a cidade de Deus, imanente, para todos os homens, a terra em que é possível uma paz justa e uma



vida que tenha sentido. Com muita razão, D. Solle lembra que o reino de Cristo não se situa “nos céus” — e que seria irresponsável rejeitar este mundo de Deus, em prol de uma noção vaga de transcendência.

## UM CREDO SEMPRE NOVO?

Nenhum dos exemplos e modelos apresentados “resolve” a problemática inerente a qualquer confissão de fé. Mas todos eles evidenciam a necessidade da procura, a validade da tentativa e a urgência da experiência. A fé, além de ser questão pessoal, é também tarefa comunitária, envolve a história de um grupo e não pode prescindir de contemporaneidade. A fé nunca é “a mesma” e nunca é “de ontem”. Veja-se a insistência no hoje, no livro do Deuteronomio (5.3 ou 26.16-19) ou na Epístola aos Hebreus.

Sob esse ponto de vista, os diversos modelos de credos atuais cumprem função pedagógica. Resta saber, se a necessária universalidade já foi alcançada. Inquirir a respeito dessa ecumenicidade não é exagero, já que toda confissão de fé responde, também, aos desafios de um tempo, de uma época, de geração. E os problemas e desafios de nosso tempo têm dimensão planetária.

A questão da universalidade talvez se torne mais clara, na releitura dos textos selecionados, em perspectiva latino-americana. Conseguiremos identificar-nos com tais formulações? Ou refletem tais credos a preocupação de elementos, honestos sim, mas ainda oriundos de estruturas sociais “afluente?”

Por último, a pergunta que terá ocorrido a alguns: Onde ficou o modelo mais nosso, a profissão de fé gerada em nosso contexto?

Em matéria de textos já elaborados e em uso, dispomos de pouca informação. Para a última Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, no entanto, foi sugerido um texto do Credo Social da Igreja Metodista do Brasil. Ainda é impossível saber onde foi liturgicamente aproveitado e desconhecem-se reações e comentários. A título de comparação e complementação vai reproduzido aqui:

*Cremos em Deus, Criador  
de todas as coisas  
e Pai de toda família humana,  
fonte de todo o amor,  
justiça e paz.*

*Cremos em Jesus Cristo,  
Deus que se fez homem  
como cada um de nós,  
amigo e redentor dos pecadores,  
Senhor e servo de todos  
os homens.*

*Cremos no Espírito Santo,  
Deus defensor,  
que conduz os homens  
livremente à verdade.*

*Cremos que a comunidade  
cristã universal  
é serva do Senhor;  
que a unidade cristã é dádiva  
do sacrifício  
do Cordeiro de Deus  
e que viver divididos é negar  
o Evangelho.*

*Cremos que o culto verdadeiro,  
que Deus aceita dos homens,  
é aquele que inclui  
a manifestação de uma  
vivência de amor,  
na prática da justiça e no  
caminho da humildade  
junto com o Senhor. Amém.*

Constata-se logo que o texto é universal, em sua linguagem, no sentido de que poderia ter sido formulado em qualquer parte do mundo onde haja cristãos preocupados com a dimensão ecumênica da fé e com questões de justiça, liberdade e paz. É evidente a ausência de vários tópicos fundamentais da fé cristã assim como não transparece a preocupação pelos desafios próprios do tempo brasileiro.

No entanto, é possível que justamente indique, com muita clareza, o âmbito e a dimensão de nosso testemunho. A ausência das palavras é indicadora, por vezes, da ocorrência de uma profissão de fé que fala mais alto. É que se chama martírio.